

## PRÁTICAS CULTURAIS DE QUATRO PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL

*PRÁCTICAS CULTURALES DE CUATRO DE LA ENSEÑANZA PRIMARIA*

*CULTURAL PRACTICES OF FOUR ELEMENTARY SCHOOL TEACHERS*

Darbi Masson SUFICIER<sup>1</sup>  
Luci Regina MUZZETI<sup>2</sup>  
Andreza Marques de Castro LEÃO<sup>3</sup>

**RESUMO:** O presente artigo analisa as práticas culturais de quatro professores dos anos iniciais do ensino fundamental. Com base na noção bourdieusiana de prática, procura-se compreender as preferências relacionadas com: saídas culturais, consumo cultural, leitura, música, artes plásticas, tv, cinema e escrita; além de aspectos do lazer e da sociabilidade. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semidiretivas de longa duração e apresentados na forma de perfis culturais individuais. As práticas culturais dos professores entrevistados possuem limitações em relação ao acesso por diferentes contextos, como o local de residência, a renda familiar e o desconhecimento ou conhecimento limitado em relação à fruição de algumas práticas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Práticas culturais. Professor. Ensino fundamental.

**RESUMEN:** *El artículo analiza las prácticas culturales de cuatro profesores de la primaria. Basándose en la perspectiva bourdieusiana de práctica, se busca comprender las preferencias relacionadas con: salidas culturales, consumo cultural, lectura, música, artes plásticas, tele, cine y escrita; demás de aspectos de ocio y sociabilidad. Se colectó los datos por medio de entrevistas semidirectas de larga duración y presentados en la forma de perfiles culturales individuales. Las prácticas culturales de los profesores entrevistados poseen limitaciones respecto al acceso por distintos contextos, como ubicación, renta familiar y el desconocimiento o conocimiento limitado respecto a la fruición de algunas prácticas.*

**PALABRAS CLAVE:** *Prácticas culturales. Profesor. Enseñanza primaria.*

**ABSTRACT:** *This article analyzes the cultural practices of four teachers from the early years of elementary school. Based on the Bourdieusian notion of practice, we seek to understand the preferences related to: cultural outputs, cultural consumption, reading, music, plastic arts, TV, cinema and writing; In addition to aspects of leisure and*

<sup>1</sup> Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Passos – MG – Brasil. Professor. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0002-8476-9559>>. E-mail: darbimassonsuficier@hotmail.com

<sup>2</sup> Universidade Estadual Paulista (UNESP), Araraquara – SP – Brasil. Professora do Departamento de Didática. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0002-6808-2490>>. E-mail: lucirm@fclar.unesp.br

<sup>3</sup> Universidade Estadual Paulista (UNESP), Araraquara – SP – Brasil. Professora do Departamento de Psicologia da Educação. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0002-5037-4882>>. E-mail: Andreza\_leao@yahoo.com.br

*sociability. Data were collected through long-term semi-directive interviews and presented in the form of individual cultural profiles. The cultural practices of the professors interviewed have limitations in relation to access by different contexts, such as the place of residence, family income and lack of knowledge or limited knowledge in relation to the fruition of some practices.*

**KEYWORDS:** *Cultural practices. Teacher. Elementary school.*

## Introdução

O presente artigo analisa as práticas culturais de quatro professores dos anos iniciais do ensino fundamental. Para isso, apresenta-se um perfil com as preferências e práticas culturais dos entrevistados. Assim, utiliza-se a noção de prática de Bourdieu (2002; 2004): “Na maior parte das condutas cotidianas, somos guiados por esquemas práticos” (BOURDIEU, 2004, p. 99), posto que a própria prática se constitui de “princípios de classificação, de hierarquização, de divisão que são também princípios de visão”; ou seja, de “sistemas classificatórios extremamente complexos” em estado prático (Bourdieu, 2011, p. 146). Assim, compreende-se que as práticas culturais, passadas e atuais, são elementos significativos dos indivíduos por sintetizar os aspectos culturais, sociais e econômicos dos percursos biográficos.

Conforme aponta Coulangeon (2014, p. 19): “Junto com a propriedade e o consumo dos bens materiais, as preferências estéticas e as práticas culturais participam, nas sociedades modernas, dos ritos de identificação da vida social”. Neste sentido, acrescenta-se aquilo que Bourdieu (1983; 2007) classifica como “os gostos”, ou seja, “[...] o produto deste encontro entre duas histórias – uma em estado objetivado, outra em estado incorporado – que se conciliam objetivamente” (BOURDIEU, 1983, p. 128). Diz o autor:

Chega-se assim a uma definição provisória: os gostos, entendidos como o conjunto de práticas e de propriedades de uma pessoa ou de um grupo são produtos de um encontro (de uma harmonia pré-estabelecida) entre bens e um gosto (quando digo "minha casa é do meu gosto", estou dizendo que encontrei a casa conveniente para o meu gosto, onde meu gosto se reconhece, se reencontra). (BOURDIEU, 1983, p. 127-128).

Para Bourdieu (1983, p. 128): “Entre estes bens, é preciso incluir, com o risco de chocar, todos os objetos de eleição, de afinidade eletiva, como os objetos de simpatia, de amizade ou de amor”. Por isso, nos perfis estão presentes as informações relativas às

práticas esportivas, às saídas culturais e às relações de sociabilidade (familiar e de amizade), assim como a composição do capital cultural (Bourdieu, 2012a) dos professores entrevistados.

### **Procedimentos metodológicos**

O material primário desta pesquisa é o discurso individual coletado junto aos pesquisados por meio de entrevistas semidiretivas (POIRIER; CLAPIER-VALLADON; RAYBAUT, 1995, p. 47) por meio da aplicação de um roteiro de perguntas (MUZZETI, 1997; CAETANO, 2013; SUFICIER, 2013-2017). Conforme Poirier, Clapier-Valladon e Raybaut (1995, p. 47), o roteiro possui as funções de enquadramento, isto é, “não deixar o narrador sair do campo da pesquisa” e de precisão, pois procura aceder a informações que o entrevistado “não fornece espontaneamente”.

As entrevistas foram realizadas nos anos de 2016 e 2017. Cada participante concedeu duas entrevistas de longa duração (entre 3 e 4 horas cada), que foram gravadas e transcritas de forma a manter a fidelidade das falas e seu coloquialismo (BOURDIEU, 2011; KAUFMANN, 2013). A apresentação dos dados sob a forma de perfis culturais individuais (LAHIRE, 2006) relaciona os percursos biográficos e um conjunto de práticas culturais específicas e não objetiva abarcar a sua totalidade.

### **Práticas culturais dos professores entrevistados<sup>4</sup>**

Os quatro professores foram entrevistados sobre o seu percurso biográfico e sua profissão. No presente artigo estão presentes as informações referentes às suas práticas culturais (Lahire, 2006; Bourdieu, 2007; Caetano, 2013), como: saídas culturais, consumo cultural, leitura, música, artes plásticas, tv, cinema, escrita e os aspectos relacionados ao lazer e à sociabilidade. Por isso, ressalta-se a ampla utilização das falas transcritas dos entrevistados.

### **Práticas culturais da professora Aline**

---

<sup>4</sup>Os dados e a versão inicial do presente tópico estão presentes em Suficier (2017).

Aline tem 36 anos e é casada com um publicitário de 41 anos. Ela tem duas filhas, de 9 e 3 anos. Sua mãe é professora aposentada e reside na mesma casa, localizada em uma cidade de pequeno porte no interior paulista. Ela possui três irmãos (casados, com nível superior). Seu pai é falecido. As entrevistas com Aline foram realizadas na escola em que ela leciona.

Aline e seu marido são adeptos do Espiritismo (Doutrina Espírita). A família se reúne semanalmente para fazer o “Evangelho no Lar”, que consiste na leitura e discussão de textos da religião. Ela lê romances de temática espírita que recebe como participante de um “clube do livro”. Com a família, Aline frequenta a livraria localizada no shopping center da cidade vizinha, onde compra livros apenas para as crianças: “Para mim raramente eu compro. Quando vou comprar algum livro, eu compro livros voltados para a escola. São livros de atividades, de coisas de sala de aula e não para lazer”. Aline cita, dentre suas preferências literárias, os autores que já leu: “Gosto do Sidney Sheldon, gosto da Agatha Christie. Adoro. Já li, não sei... Li Sidney Sheldon a minha adolescência inteira, depois reli mais velha”; “Agatha Christie também, já li, assim, três vezes o mesmo livro, quase que a coleção completa”. Ela credita essas leituras à influência da mãe: “Aprendi com a minha mãe. Agatha Christie é dela. Ela gosta, ela colecionava, ela lia e aí eu comecei a ler por conta dela. Sidney Sheldon eu descobri por conta própria”; “Sempre li. Aliás, assim, eu brinco que, às vezes, eu tenho que ler duas palavras antes de dormir, mas eu tenho que pegar o livro e ler alguma coisa, senão eu não deito e durmo”. Aline não lê revistas semanais e não lê notícias na internet. Ela é assinante da revista Nova Escola (editora Abril) e da coleção Saiba Mais, da Turma da Mônica (Maurício de Souza), ambas relacionadas a sua profissão. Sobre o noticiário impresso, diz: “Detesto ler jornal”; mas que: “Assisto o [tele] jornal todo dia. Até porque, normalmente, é o horário que a gente ‘tá’ jantando, daí tem a tv lá na copa, a gente liga e eu ouço o jornal todos os dias, mas ler, buscar notícia pra ler não tenho o hábito não”.

Aline ouve música enquanto dirige no caminho para o trabalho e enquanto faz as tarefas domésticas, como um “ruído de fundo” (Coulangeon, 2014): “Sempre tive o hábito de ligar o rádio enquanto estou fazendo serviço”. Ela ressalta seu ecletismo em relação ao gosto musical, mas com limites: “Escuto de tudo, gente. Adoro MPB, gosto de rock, gosto de samba, gosto de sertanejo. A única coisa que eu não ouço acho que é funk, que eu não suporto, mas de resto ouço de tudo”. “[Gosto de] Chico Buarque, Elis Regina adoro, gosto de Capital Inicial. Gosto bastante, ouço bastante. Gosto de Ira! e

gosto de Roberto Carlos [risos]. Adoro, cresci ouvindo, minha família é fanática”. O último show musical que assistiu ocorreu no ano anterior (Capital Inicial).

A maior parte de seu tempo livre é reservada para brincadeiras e atividades com suas filhas. Assistir tv, ir ao cinema e passeios no shopping center estão condicionadas à participação das crianças. Isso faz com que ela e o marido quase não tenham momentos de lazer sem a companhia das filhas. Quando se conheceram, ela e o marido praticavam ciclismo. Ela também fez, por um breve período, ginástica em uma academia em que hoje faz pilates.

A televisão da casa de Aline fica, a maior parte do tempo, ligada em canais infantis. Após as 22h, diz ela, “eu ligo a televisão no meu quarto e eu vou assistir alguma coisa. Nada de específico, na verdade o que estiver passando”; “Que nem agora que eu estou assistindo ‘Liberdade, Liberdade’ [telenovela da Rede Globo], que aí eu paro pra assistir. Aí na hora que vai começar eu falo: ‘Agora eu vou assistir’”. Uma ou duas vezes por mês a família vai até o shopping center, local em que frequentam o cinema para assistirem a filmes infantis. O mesmo ocorre com os filmes que compram para assistir em casa: “Desenhos, desenhos, desenhos”. Ela prefere ver filmes de comédia, “aquelas comédias românticas daqueles que você começa assistindo, dorme, acorda, e continua entendendo o filme. Adoro [risos]”.

Esporadicamente, Aline participa de excursões escolares: “A gente não tem muitos [museus] por aqui. Já fui, já visitei alguns museus com a escola, levando alunos”, dos quais ela cita: o Museu do Ipiranga, o MASP, Pinacoteca, Museu da Língua Portuguesa e o Museu Afro. E ressalta: “Então conheço vários, mas tudo pela escola. A gente foi acompanhando aluno”. Sobre teatro, ela diz não frequentar.

Aline demonstrou satisfação em falar de seu gosto pessoal por Artes Plásticas:

*Quando eu estava fazendo o magistério, a minha intenção na verdade era fazer Artes Plásticas. Mas, aí quando, assim, eu terminei o magistério, prestei o concurso e passei aqui em [cidade em que leciona], comecei a trabalhar. Aí pra fazer o curso de Artes Plásticas eu teria que ir pra São Paulo, porque só tinha em São Paulo, então eu tinha que largar o trabalho.*

Dentre suas preferências, Aline diz gostar de Monet e que: “Odeio Picasso, não gosto de Picasso. Gosto de Romero Brito, nacional né? Não sou muito fã do Portinari, não gosto, gosto mais daquela pintura clássica, aquela coisa mais antiga”. Ela relata que já fez artesanato, pintura em gesso, pintura em madeira e bordado, mas que parou há cerca de dois anos: “Sinto falta de não estar fazendo por conta de não ter tempo mesmo.

É uma coisa que eu gosto muito. Na hora que tiver um tempinho é uma coisa que eu quero fazer”.

Uma vez por mês ela participa de um *happy hour* com outros professores e funcionários da escola em que leciona. Aos finais de semana ela costuma receber as visitas de seus irmãos e de seu sogro. Devido à condição financeira da família, Aline e o marido evitam algumas atividades: “Por exemplo: sair pra comer fora? Não dá”; “Vamos para um barzinho? Não vamos, vamos fazer alguma coisa em casa”.

Suas amigas mais próximas são professoras que atuam nas escolas em que lecionou e alguns “[amigos] da época de adolescência que ainda frequentam a minha casa, que a gente ainda se fala, que às vezes sai junto” (profissionais de nível médio). “Hoje em dia”, diz Aline, “eu saio mais com o pessoal da escola, que tem filhos também, tem os maridos, e a gente acaba se reunindo mais”. Aos finais de semana, Aline faz atividades domésticas, pequenos passeios em família e ao shopping center.

Sobre as práticas culturais da professora Aline, constata-se:

As práticas e saídas culturais de Aline estão restritas as suas condições materiais de existência que, ao longo do percurso, podem ser exemplificada pelo “gosto da necessidade” (Bourdieu, 2007). Ou seja, por limitações econômicas e pela propensão para o consumo cultural popular, as práticas culturais quase sempre buscam o lazer das filhas (crianças) em detrimento às práticas individuais (ou do casal). As práticas culturais de base religiosa (leitura de livros de temática espírita e a realização do evangelho no lar) são aquelas realizadas com frequência. As práticas de pintura e artesanato de Aline ficaram restritas ao amadorismo, apesar de terem sido vislumbrados na adolescência como uma provável futura prática profissional (Coulangeon, 2014).

### **Práticas culturais do professor Bento**

Bento tem 42 anos e é solteiro. Reside em uma cidade de médio porte. Sua mãe (funcionária pública aposentada) e seu irmão (pastor evangélico) vivem na cidade em que ele nasceu. O pai de Bento (funcionário público) é falecido. A primeira parte da entrevista ocorreu, a pedido do entrevistado, em um shopping center e a segunda parte em uma universidade.

O pai de Bento “foi sempre católico”, enquanto que a mãe foi por muito tempo adepta da umbanda. Pai e mãe frequentavam os templos religiosos de suas respectivas denominações. Bento foi batizado na igreja católica e, aos 28 anos, tornou-se adepto

do Espiritismo Kardecista. Por isso, duas vezes por semana frequenta um Centro Espírita para assistir a palestras e participar de um grupo de estudos.

Bento aponta a música como um dos fatores de interação familiar durante a sua infância e adolescência. Ele e o irmão ouviam aquilo que os pais gostavam, o que teve influência sobre o seu gosto musical: “Minha casa sempre foi uma casa musical. Minha mãe toca acordeão, ela tem um velho lá até hoje e meu pai tocava pandeiro”. Diz Bento: “Meu pai escutava muito samba. Tinha um monte de vinil de samba. Por isso aprendi a ouvir Beth Carvalho, Bezerra da Silva, Donga, Martinho da Villa”. A mãe de Bento “gostava de jazz e blues. Então escutei muito Billie Holiday, Ella Fitzgerald, Aretha Franklin, Louis Armstrong, essa linha. Então, praticamente, a música negra era forte lá”. Ainda na infância, Bento e o irmão passam a ouvir “muita black music”: “Michael Jackson, Diana Ross, Billy Ocean, Prince; a gente ouvia a música e ficava conversando sobre a música e tentava entender sem saber o que ‘tava’ falando, pelo ritmo”. Bento diz gostar de samba, rock e MPB, mas faz uma ressalva: “Mas eu vou explicar porque a gente fala samba...”, e continua: “eu não escuto esses grupos aí de hoje, de indústria fonográfica. Eu gosto dos antigos”; por fim, esclarece: “daquela linha mais tradicional [do samba]”. Ele gosta de “Martinho da Villa, Beth Carvalho, Zeca Pagodinho, João Nogueira, Diogo Nogueira”. De MPB ele gosta “também dos clássicos” e cita como suas preferências: Chico Buarque, Elis Regina, Gilberto Gil, Arnaldo Antunes, Adriana Calcanhoto e Marcelo Jeneci. Bento cita uma variedade de artistas e bandas do estilo rock: “eu gosto mais de rock progressivo” (Pink Floyd, Renaissance); “também gosto de outras linhas, hard rock” (Van Hallen); “dos clássicos” (Beatles, Elvis Presley); “dos anos noventa eu não gosto do Guns'n Roses, acho muito comercial”, “respeito mais o Nirvana”.

O pai de Bento “não gostava de ler”, pois “era mais da farra, rua”; “mesmo depois que separou era rua, gandaia. Leitura não era o forte dele”. Sua mãe “gostava de ler jornal, gosta, lia sempre Folha, Estadão” e que “fora isso só víamos o noticiário na tv”; ainda sobre a mãe: “ela lia, assim, só literatura tipo Agatha Christie, nessa linha, mais romance policial; que eu me lembro é isso, Sidney Sheldon”. Bento distingue suas leituras em “duas literaturas”: “Eu leio livros da nossa área de educação [relacionando com o entrevistador] e, às vezes, eu ‘tô’ com uma dúvida, algum aluno, então, vamos supor, eu quero voltar na teoria, pego algum livro do Vigotsky”; “Leitura prazerosa, por exemplo, a gente ‘tá’ fazendo a disciplina [de pós-graduação], então, por exemplo, me interessa a indústria cultural, a influência da mídia nas pessoas. Então eu vou pegar o

livro do [Theodor] Adorno Indústria Cultural e Sociedade e vou ler um capítulo inteiro”, “Eu faço no caminho. Quando eu vou de ônibus leio no caminho”. Além da “linha científica”, Bento tem predileção por livros de temática espírita (Allan Kardec) e que lê “mais ou menos, em média, dez páginas por dia”; ele conclui: “isso já faz parte de mim”. Ele esclarece que “são os livros teóricos e, exatamente, são mais teóricos na linha científica e mais espíritas. O resto não me chama atenção. Eu não gosto de tipo Harry Potter, Senhor dos Anéis”; “a minha frequência de compra de livros é mais ou menos, assim, sei lá, um, dois por ano”, pois deixou de comprar livros por baixá-los gratuitamente na internet. Apesar de mencionar seu ecletismo em relação ao gosto musical e literário, Bento faz questão de ressaltar por diversas vezes aquilo de que não gosta.

Bento utiliza a internet para ver: “[o] noticiário da Folha [de São Paulo]. Eu gosto de ver política. Economia, ciência e tecnologia me chamam a atenção e esporte e cultura. Essa parte mais de cinema, o que ‘tá’ saindo de filme, algum filme europeu, algum diretor que eu gosto”. Sobre cinema, suas preferências são por filmes de suspense, biográficos e que “fala alguma questão política”. A internet também é utilizada para baixar música. Em sua casa, ele assiste aos canais de esporte (ESPN, Fox) e séries (The Big Bang Theory, Sherlock Holmes, Simpsons, Arquivo X) na TV por assinatura; e que, na “TV aberta, só TV Cultura”, “o jornal da [TV] Cultura”.

Bento se recorda de algumas saídas culturais em sua infância, como ir ao teatro e ao cinema com a mãe e ao estádio de futebol com o pai; “Meu pai também fazia excursão na infância. Fui pra praia, Santos, Praia Grande, Aparecida do Norte que o meu pai era católico”. Ele se recorda que: “Foi essas viagens que eu fiz na infância junto com meus pais. Foram bem interessantes. Da infância não posso reclamar”. A frequência a eventos culturais é esporádica: cinema (“assisto em casa”, “uma vez por semana, geralmente domingo”; “[a última vez que foi ao cinema] faz dois meses”); artes plásticas (“nas férias, em janeiro, costumo combinar com meus amigos pra ir em alguma exposição, ou no MASP ou no MAM”); shows musicais (“o último foi no ano passado”). Em seus momentos de lazer, Bento diz que: “A cada duas semanas geralmente eu procuro alguma coisa”; também frequente, uma vez ao mês, uma livraria. Aos domingos ele joga videogame por uma ou duas horas: “deu aquele horário eu largo”. Aos domingos, “o dia que eu falei que é pra mim”, ele faz caminhada: “Deveria fazer todo dia, mas só faço de domingo”.



Os amigos mais próximos de Bento são remanescentes do ensino fundamental (um profissional de nível médio), do ensino médio e do curso pré-vestibular (historiadora, professor de matemática, professora de química, policial, psicóloga) e, principalmente, do período da graduação (“os [dois] que fizeram faculdade e que moram aqui”, “[uma] professora que trabalha comigo” e uma amiga “que dividiu república” anos atrás). Bento e os amigos mais próximos se frequentam, enquanto que o contato com aqueles que residem em sua cidade de origem está restrito aos períodos de férias.

Três vezes ao ano Bento visita o irmão e a mãe, com quem fala ao telefone a cada quinze dias: “Quando é feriado prolongado [fico] quatro, cinco dias e quando é final de ano fico duas semanas”; “Revejo todo mundo: amigos e família. É o período que eu consigo conversar com eles, apesar que eu converso quase sempre, ou por telefone, ou por facebook ou por outros meios de comunicação”.

Sobre as práticas culturais do professor Bento, constata-se:

A profissão permeia outros aspectos da vida de Bento, como as suas relações de amizade; os assuntos relativos à profissão de professor (educação, aluno, carreira, dentre outros) fazem-se presentes em suas reflexões e em suas conversas com os amigos.

Os gostos dos seus pais tiveram influência sobre o seu próprio gosto e era um fator de integração familiar. Nota-se a influência de suas práticas religiosas em sua conduta cotidiana; Bento aponta diversas vezes a importância da religiosidade em sua visão de mundo, o que também é notado em suas preferências de leitura.

### **Práticas culturais da professora Carla**

Carla tem 29 anos e é casada com um escriturário de 36 anos. Nasceu e reside em uma cidade pequena-média. Seus pais são separados e residem em cidades diferentes: o pai (empreiteiro na zona rural; caminhoneiro) na mesma cidade que Carla e a mãe em outro estado. As duas entrevistas com Carla foram realizadas em sua casa.

A família de Carla é toda católica: “A gente [Carla e o marido] ‘tava’ indo certinho todos os domingos, mas aí paramos”. Ela não aponta um motivo específico para deixar de frequentar a igreja: “Eu fiquei de ver qual era o horário da missa e não vi, aí a gente não foi mais”. A relação estabelecida por ela e pela família com a igreja sempre foi de aproximações, com frequências esporádicas e distanciamentos por longos períodos.

Carla escuta música como “ruído de fundo” (COULANGEN, 2014): “O tempo inteiro que eu fico no computador, eu fico com a música ligada, mesmo quando eu ‘tô’ pesquisando, estudando”. Para ela: “Ninguém entende, mas eu ‘tô’ fazendo um trabalho da faculdade, eu ‘tô’ com a música ligada, ‘tô’ cantando junto, ‘tô’ fazendo trabalho [risos]”. Carla ressalta seu ecletismo em relação ao gosto musical: “[Gosto] desde gospel até um pop rock”; e cita, como artistas de sua predileção, a cantora gospel Bruna Carla, Sandy, Capital Inicial, Legião Urbana, Lady Gaga e Demi Lovato; “não é tudo que eu vejo o nome”.

Carla cursa uma segunda graduação em Direito e uma especialização na área da educação. Por isso, compra livros “de estudo”, das áreas de “Pedagogia e Direito”, assim como as suas leituras atuais (“artigos científicos pra pesquisar pra prova ou trabalho”). Ela foi assinante da revista Nova Escola, mas cancelou a assinatura. Em relação ao noticiário, ela lê “conforme vai aparecendo”: “Notícia mais o que eu vou vendo que vai tendo no Facebook ou algum comentário de alguma coisa, às vezes na escola, que eu falo: ‘Será que é bem isso que eles ‘tão’ falando?’ A hora que eu lembro eu dou uma pesquisada para ver”. Sobre literatura, Carla diz: “Acho que eu nunca li livro de ficção”.

Carla aponta a ausência de teatro e museus em sua cidade (“Eu gosto muito de museu”). Em excursão com sua turma de Pedagogia, ela visitou os principais museus da cidade de São Paulo. Por algum tempo ela fez pintura (“Eu fiz tintura, eu fiz tintura à óleo, pintura à óleo, tecido e tela, vitral. Foi mais tecido”), mas que há uns três anos não pratica.

Sobre o cinema, ela diz que só não gosta de filmes com violência e de terror, mas que: “eu preciso fazer outra coisa que não seja só assistir filme”; “eu acho entediante”. Ela tem predileção pelos seriados (Criminal Minds, CSI e Todo mundo odeia o Cris) e reality shows de culinária (Masterchef e Bake off). Sobre a televisão, ela diz: “Não tenho uma rotina de televisão. [Assisto] O que tiver passando mesmo”.

Quando está sozinha ou distraída durante as aulas, ela escreve (“Tem poema, tem música”; “Tem só versinhos”), mas que nunca mostrou para ninguém (“Não mostro nem ‘pro’ meu marido”). Nos momentos livres, ela gosta de brincar com seus cachorros. Carla gosta muito de esportes, por isso pratica em sua casa jump e caminha na esteira. Também frequenta diariamente a academia (“Eu acho que academia seria o meu hobbie”).

Carla e o marido saem pouco, pois “a situação financeira não anda permitindo”. Ela frequenta a casa da sogra aos domingos. Em sua casa, “raríssimas vezes que vem alguém”. Ela aponta como seus amigos a sua irmã e o seu marido e que não frequenta a casa de outras pessoas além dos familiares. Uma vez ao ano, “geralmente época de Natal”, ela viaja para visitar a mãe que mora em uma cidade do interior de um estado vizinho.

Sobre as práticas culturais da professora Carla, constata-se:

Há diversos fatores para que Carla tenha poucas práticas culturais e de lazer, como a justificativa que dá para a situação econômica dela e do marido, a residência em uma cidade de pequeno porte com pouca oferta cultural e o baixo capital cultural familiar e próprio.

A música e a televisão têm, no cotidiano de Carla, o papel de “ruído de fundo”, conforme a expressão de Coulangeon (2014). Em relação às outras práticas culturais, suas explicações são superficiais, o que parece ter relação com o desconhecimento ou mesmo contato esporádico, como nos casos do teatro e eventos musicais.

### **Práticas culturais da professora Diana**

Diana tem 28 anos e é casada com um cientista da computação de 30 anos. Reside, desde o casamento, em uma cidade média-grande. Sua mãe e seu pai residem na cidade em que Diana nasceu. Sua mãe é secretária e seu pai realiza manutenção e troca de telhados. As duas entrevistas com Diana foram realizadas em sua casa.

A família de Diana, incluindo avós maternos e paternos, sempre participou das atividades da Igreja Católica. Durante a adolescência, ela dava aulas de catequese. Hoje, Carla tem uma relação de distanciamento com a igreja: “Até hoje os meus pais querem que eu faça [a crisma] de todo jeito”. Isso ocorreu após Diana ingressar na faculdade: “Eu sou católica, mas hoje eu não vou mais à igreja. Eu acredito em Deus, acredito, entendeu? Acredito, mas, depois que eu entrei na faculdade, comecei a estudar um pouco mais por conta própria, eu fui...”; e conclui: “Eu comecei a ler um pouco mais sobre a igreja e vi tanta coisa errada”.

Desde o início de sua escolarização, Diana frequenta livrarias: “Mas eu não estou comprando muito livro”; “a gente [ela e o marido] sempre gosta de ir na livraria porque nós dois gostamos de livro”. Recentemente ela comprou dez livros infantis (“para poder ler para as crianças”) e de história da educação. Por isso, ela diz que:

“Então mais eu vou [em livrarias] do que eu compro [livros]”. Devido à rotina profissional (acordar cedo, viajar para uma cidade vizinha e retornar para casa à noite), ela ressalta que não lê como antes. Dentre suas preferências de leitura, ela diz: “A maioria são de história da educação, então agora eu ‘tô’ com um livro do sindicalismo dos professores que eu ‘tô’ tentando ler, mas já começo e daí não consigo. Tenho que ficar parando por causa desse sono”. Por isso, ressalta que lê menos livros de literatura e que opta por aqueles “ligados à área da escola, história da educação, sociologia...”. Ela cita como autores preferidos Cecília Meireles e Carlos Drummond de Andrade (“esses autores mais conhecidos eu já li os livros todos”); e que opta por “livros que fazem pensar”. Os últimos livros que Diana leu foram: A revolução dos bichos, de George Orwell; Ensaio sobre a cegueira e Cain, ambos de Saramago, “porque você vai fazendo uma reflexão”.

Na internet, Diana utiliza as redes sociais para manter contato com amigos e familiares e que pesquisa “coisas para a casa”, como “decoração, ideias para o jardim, plantas que eu posso colocar, como cuidas, essas coisas”.

Devido as suas convicções políticas (“Eu tenho um pensamento de esquerda”), ela acompanha o noticiário, mas não lê os jornais (“jornal não gosto”; “não entro na Folha [de São Paulo], não entro no Estadão”): “Não vejo sempre os mesmos sites”. Ela menciona o site Pragmatismo Político, e que, “às vezes até vejo sites mais relacionamento com o pensamento da direita para comparar um pouco as notícias”. Diana era assinante da revista Carta Capital, mas que “esse ano ‘tá’ tudo meio assim, um corte de gastos”.

Diana tem por hábito ouvir música enquanto está no carro, no deslocamento para a cidade em que dá aula: “Outro dia eu comentei isso com o [marido] que eu sinto falta de música aqui em casa”, porque ‘eu ouvia bastante música antes’”. Dentre suas preferências musicais, Carla diz gostar de MPB e de Nando Reis; e também menciona Scorpions, Bon Jovi, Celine Dion, Laura Pausini, Andrea Bocelli, Freddie Mercury e que gosta “muito de música clássica também”, mas não cita nomes. No ano anterior ela e o marido estiveram em dois shows (Nando Reis e 2Cellos) e no ano atual em um (Scorpions), “mas não são muitos assim que a gente vai não”.

Até o ano anterior, quando residia com os pais, Diana saía com mais frequência, pois “a noite tinha algum teatro, algum show”, mas que “[a cidade em que morava] não é uma cidade que tem muito essa parte cultural e aqui [cidade atual] também não. Tem mais no Sesi ou no Sesc, então às vezes a gente vai, mas não é tanto assim”. Apesar dela

e do marido gostarem muito do cinema, ela diz evitar gastar com isso. Por isso, eles assistem a muitos filmes em sua casa e que também se reúnem com amigos e com sua família para assistir (“gostam bastante também”), como forma de sociabilidade. Suas preferências são por filmes “de romance, filme de terror, de suspense e filmes que puxam um pouco mais para esse lado histórico”, do qual ela menciona o filme *A vida é bela*. Ela e o marido assistem a séries na tv (*The Big Bang Theory*, *Game of Thrones*, *Masterchef*, *Walking Dead*).

Como gosta de fotografar, ela adquiriu uma câmera e pede dicas a um amigo que é fotógrafo profissional: “Tenho até livros, por exemplo, Sebastião Salgado, livros de fotografia”. Em relação à prática esportiva, ela e o marido fazem diariamente caminhadas e que, durante sua escolarização, “não via nada que [...] gostasse na área”. Diana viaja uma ou duas vezes por ano, mas que, por questões financeiras, “esse ano aqui não vai dar”. No ano anterior eles foram para a uma cidade turística no Centro Oeste. Meses atrás, ela e o marido passaram quinze dias na Itália em lua de mel, onde visitaram museus, castelos e locais históricos. A renda familiar também é mencionada como um impeditivo às saídas culturais:

*Então, todas essas coisas que são culturais é onde a gente acaba conseguindo cortar porque, por exemplo, a alimentação, a gente [Diana e o marido] recebe vale, eu e ele, os dois recebem vale, então a gente pode sair pra jantar, pra comer que não vai impactar no salário, porque vai sair do vale, agora, outras coisas, por mais que você fale: “Ai, eu só vou no cinema”, o cinema ‘ta’ caro, então como a gente tá com o orçamento bem contado...*

Diana e o marido participam de reuniões semanais, seja com os amigos ou com os seus familiares e que saem com frequência para comer fora. Ela mantém algumas amigas de todos os seus períodos de escolarização (“uma amiga que eu tenho desde o pré”), “uma que é dentista, tem outra que é farmacêutica, a outra é formada em gastronomia e a outra não se formou, não fez faculdade, trabalha como vendedora”. Outras amigas próximas vêm dos anos de faculdade e mestrado: “professor quando se vê, fala da escola [risos]”: “A maioria dos amigos que vem aqui em casa, que a gente sai junto, que eu ‘tô’ sempre junto, são amigos que estudaram comigo”.

Sobre as práticas culturais da professora Diana, constata-se:

O ascetismo de base católica da família orienta a conduta de pais e avós, como o comedimento em relação às práticas culturais, ao lazer, aos gastos familiares e à conduta cotidiana.

O cinema é utilizado de forma relacional (Coulangeon, 2014), como forma de manutenção dos vínculos de amizade. Apesar das restrições impostas por Diana e pelo marido para as saídas culturais, o casal viaja anualmente. Assim como no caso de Carla, a relação de Diana com a música é a de “ruído de fundo”, ou seja, como som ambiente.

### **Considerações finais**

As práticas culturais dos professores entrevistados possuem limitações em relação ao acesso por diferentes contextos: o primeiro é a residência em cidades com pouca oferta cultural, como por exemplo a ausência de cinemas, teatros e museus; a renda da família surge como um empecilho para o acesso a determinadas práticas culturais, como a aquisição de livros, mas também como uma justificativa para a sua não realização; outro aspecto é o próprio desconhecimento ou conhecimento limitado de práticas mais exigentes em relação a sua fruição. Destaca-se que, no pequeno grupo dos professores entrevistados, a justificativa da priorização dos gastos domésticos em detrimento das práticas culturais também atinge os demais lazeres e mesmo as relações de sociabilidade. Neste sentido, os encontros com os amigos e familiares tendem a ficar restritos aos momentos de festividade e comemoração, como nos aniversários.

A realização de novas pesquisas sobre as práticas culturais pode ter o impacto positivo na relação que se estabelece entre a sua formação profissional e o seu percurso biográfico.

**AGRADECIMENTOS:** À CAPES (Processo: PDSE 99999.006885/2015-02).

### **REFERÊNCIAS**

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk; São Paulo: EDUSP, 2007.

BOURDIEU, Pierre. Compreender. In: BOURDIEU, P. (Coord.) **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 2011. pp. 693-713.

BOURDIEU, Pierre. **Esboço de uma teoria da prática, precedido de três estudos de etnologia Cabila**. Oeiras: Celta, 2002.

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio (Orgs.). **Escritos de Educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CAETANO, Ana. **Vidas refletidas: sentidos, mecanismos e efeitos da reflexividade individual**. 2013. 336 f. Tese (Doutorado em Sociologia), ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2013.

COULANGEON, Philippe. **Sociologia das práticas culturais**. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2014.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo**. Rio de Janeiro: Vozes; Maceió: Edufal, 2013.

LAHIRE, Bernard. **A cultura dos indivíduos**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

MUZZETI, Luci Regina. **Trajetória Social, dote escolar e mercado matrimonial: um estudo de normalistas formadas em São Carlos nos anos 40**. 1997. 174 f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1997.

POIRIER, Jean; CLAPIER-VALLADON, Simone; RAYBAUT, Paul. **Histórias de vida – teoria e prática**. Oeiras: Celta, 1995.

SUFICIER, Darbi Masson. **Retratos sociológicos de estudantes de Pedagogia: O caso da FCLAr**. 2013. 103 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar), Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2013.

SUFICIER, Darbi Masson. **Senso prático e reflexividade na prática de quatro professores do ensino fundamental**. 2017. 146 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar), Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2017.

### Como referenciar este artigo

SUFICIER, Darbi Masson.; MUZZETI, Luci Regina.; LEÃO, Andreza Marques de Castro. Práticas culturais de quatro professores do Ensino Fundamental. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 13, n. 4, p. 1851-1865, out./dez., 2018. E-ISSN: 1982-5587. DOI: 10.21723/riaee.unesp.v13.n4.out/dez.2018.11778

**Submissão em:** 20/11/2017

**Revisões requeridas:** 30/03/2018

**Aprovação final em:** 20/07/2018